

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO: CONFLITOS E CONCEPÇÕES DO OCIDENTE SOBRE A SUBJETIVIDADE

GLENDAM. GOUVÊA¹, RAFAEL A. S. B. RODRIGUES²

¹ Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado, IFSP, Campus São Roque, glenda.gouvea@aluno.ifsp.edu.br

² Mestre em filosofia pela FFLCH - USP, Professor do IFSP, campus São Roque, barberino.rafael@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.00.00-4 Filosofia

RESUMO: Aquilo que convencionamos chamar de Ocidente trabalha com uma rígida separação entre o corpo e a alma, entre o que é físico e o que é da ordem do espírito. Neste aspecto, o Ocidente é marcadamente platônico, antes que cristão. É claro que sempre houve vozes dissonantes: Epicuro, Espinosa, Nietzsche, entre outros. A proposta aqui é iniciar um debate entre essas duas grandes escolas de pensamento sobre o homem, as concepções dualistas (platonizantes) e as monistas (com preferência pelas materialistas). Neste embate, destacar-se-á o conceito de corpo: o homem possui um corpo ou ele é o seu corpo? A estratégia será mostrar os impactos sobre a subjetividade da adoção de uma moral platônica.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; alma; dualismo; materialismo.

BETWEEN THE BODY AND THE SPIRIT: CONFLICTS AND CONCEPTIONS OF THE WEST ABOUT SUBJECTIVITY

ABSTRACT: What we conventionally call the West operates with a strict separation between the body and the soul, between what is physical and what belongs to the realm of the spirit. In this regard, the West is distinctly Platonic, rather than Christian. Of course, there have always been dissenting voices: Epicurus, Spinoza, Nietzsche, among others. The proposal here is to initiate a debate between these two great schools of thought about humanity, the dualist (Platonic) conceptions and the monist (preferably materialist) ones. In this confrontation, the concept of the body will be highlighted: does man possess a body, or is he his body? The strategy will be to show the impacts on subjectivity of adopting a Platonic morality.

KEYWORDS: body; soul; dualism; materialism.

INTRODUÇÃO

Por vezes pode causar espécie a um ocidental que o Yôga ou o Tai Chi dentro de suas próprias culturas sejam concomitantemente práticas físicas e espirituais. Acontece que na tradição do pensamento ocidental acostumou-se à rígida separação entre aquilo que é da ordem da matéria e o que é espiritual. O indivíduo fica cindido, ele é seu corpo e sua alma. E mais, a cisão é carregada de juízos de valor. O que é da ordem espiritual é considerado por si melhor do que é material. Isso não é tudo. Não apenas o espiritual é tomado como um valor maior (o que é até compreensível), como o material é tomado como um antivalor. O apego ao material é, na mais das vezes, tomado como uma forma de erro moral. Para o ocidental, tudo se passa como se todos os males morais do mundo se derivassem única e exclusivamente da existência da matéria. O corpo é, em suma, um ser que peca. Numa ordem de valores como essa, não causa espécie que práticas que não separem o espiritual do físico pareçam

excêntricas. Porém, se o código de valores do Ocidente não é universal, cabe perguntar por sua história: quando foi que tomamos o corpo como algo mau?

Sob essa perspectiva, o presente trabalho se propõe a realizar uma revisão historiográfica. Investigaremos como concepções antagônicas sobre o papel do corpo na concepção do que seja a humanidade influem na construção da subjetividade. Porquanto interessa-nos, num primeiro momento, o pensamento de Platão e Agostinho de Hipona. Nestes autores encontra-se o modelo das concepções dualistas, isto é, que opõem o corpo e a alma. É preciso, contudo, destacar as diferenças dessas posições: enquanto em Platão, o corpo aparece como um cárcere da alma; em Agostinho de Hipona, ele é um servo. Em Platão, corpo e alma rivalizam; em Agostinho, a alma rivaliza contra si mesma e, por isso, perde o controle sobre o corpo. De qualquer maneira, seja como um cárcere, seja como um servo, em ambas as perspectivas há uma hierarquia: o corpo é inferior; a alma, superior.

Num segundo momento, o interesse se volta para concepções materialistas do homem. Em primeiro lugar, Epicuro. Na sequência passaremos por Espinosa (que se não é exatamente um materialista, ao menos, não hierarquiza corpo e alma) e Nietzsche. Nestes autores, ao invés de se lamentar pelo fardo do corpo ou lutar para submetê-lo ao controle da alma, celebra-se o corpo.

É evidente que estas diferentes concepções de humanidade impactam na forma como os indivíduos constroem suas subjetividades. Por isso, a última etapa deste trabalho é debater na literatura e num relato de experiência como essas concepções antagônicas impactam a construção da subjetividade.

MATERIAL E MÉTODOS

Posto que se trata de um estudo de filosofia, o método será o da leitura, fichamento e comentário da bibliografia. A metodologia se dará, portanto, com o debate de excertos dos filósofos e de textos que propõem uma discussão sobre o corpo. Interessa fazer uma reconstrução, ainda que introdutória, das ideias investigadas.

De Platão, a atenção recairá sobre o *Fédon*. O tema deste diálogo é a imortalidade da alma. O cenário para a discussão é o momento da morte de Sócrates. E a tese defendida é que a morte não é um mal para o filósofo. Pelo contrário, ela é desejada por ele, uma vez que seu mais profundo desejo - o de alcançar a sabedoria - só é possível após a morte, quando, segundo Platão, estaremos libertos do corpo e de todos os obstáculos que este põe ao conhecimento.

De Agostinho, vários excertos interessam. Especialmente do diálogo *Sobre a ordem*, as *Confissões* e da *Cidade de Deus*. É preciso destacar a crítica que o bispo de Hipona faz a Platão. O corpo não é, com efeito, um mal, porque nada que Deus criou é um mal. É preciso mostrar que a rixa aqui se passa em outro lugar, ainda que o corpo mantenha uma posição subalterna à alma.

De Epicuro, a *Carta a Meneceu*, *Sentenças vaticanas* e *Máximas principais*. É preciso mostrar como o atomismo responde ao velho dilema aberto pela querela entre Heráclito e Parmênides sem precisar recorrer a um mundo inteligível. Depois é preciso mostrar como uma ética baseada no atomismo valorizará o corpo, seus desejos e sensações.

Por fim, uma leitura de um dos discursos do Zaratustra de Nietzsche: "Dos desprezadores do corpo". Uma inversão completa se opera aqui: agora é o corpo que é superior à alma. É ele a verdadeira e "grande razão" que existe no homem. E, para a qual, o ego - a pequena razão - não é mais do que um brinquedo, um brinquedo.

Em suma, este trabalho de história da filosofia mostra como, no decorrer da história da filosofia, o pensamento platônico e dualista acaba por ser completamente subvertido. O que pode muito bem ser ilustrado com o recurso da literatura. Por exemplo, o príncipe Míchkin, o idiota de Dostoiévski. Este personagem é, para Dostoiévski, a realização da moral cristã. Logo, também da negação deste mundo em favor do outro mundo. Ocorre que seu fim trágico sinaliza o destino da subjetividade que leva esse valor moral até às últimas consequências. Um relato de experiência de uma estudante do Ensino Médio que levava muito a sério sua fé, por fim, corroborará também com essa mesma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já na modernidade encontrávamos, no dualismo cartesiano, o indivíduo cindido. Ele era a *res extensa* e a *res cogitans*, isto é, a coisa extensa e a coisa pensante. E a primazia já era da coisa pensante. Como no próprio título da segunda meditação, Descartes afirmava que a natureza do espírito humano é mais fácil de conhecer do que o corpo. Afinal, a primeira verdade indubitável, ponto final da dúvida metódica e metafísica, é pontual: o ser que pensa está certo unicamente de sua existência enquanto pensamento. Não tendo certeza alguma sobre o valor de verdade de seus diversos pensamentos. Ele não sabe, por conseguinte, nada sobre seu próprio corpo. Nem está certo de que ele exista. A hipótese do gênio maligno lhe veda essa certeza.

Podemos voltar ainda mais na história do pensamento Ocidental e essa divisão se mantém. Não espanta a ninguém que durante a Idade Média, essa cisão já se encontrasse. Na verdade, é quase um senso comum a compreensão de que a sociedade medieval era severamente reprimida sexualmente, que o corpo era, portanto, tema de diversos tabus. Os medievais debatiam, por exemplo, como ilustrado no livro de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, se Jesus de Nazaré ria ou não ria. Rir, com efeito, parece uma concessão pecaminosa para as paixões materiais. Por isso, o que se espera de um medieval é que ele diga coisas como: “[talvez]... a alma a conheça [a verdade], quando ela tiver abandonado a prisão tenebrosa deste corpo. [tendo em vista que]... para o ser humano, sua finalidade é a busca perfeita da verdade” (AGOSTINHO DE HIPONA, 2018, p.25).

Por vezes parece que poderíamos parar nossa busca pela origem dessa visão negativa do corpo na Idade Média e atribuir ao Cristianismo sua paternidade. No entanto, o que pode passar despercebido é que no texto acima, Agostinho de Hipona está citando Platão. Ele, muito antes da Idade Média, já expressava seu receio quanto à corporeidade, julgando-a um estorvo para a ascensão da alma. Havia em seus diálogos a idealização de que “enquanto tivermos corpo e nossa alma se encontrar atolada em sua corrupção, jamais poderemos alcançar o que almejamos” (PLATÃO, 2011, p. 73). Esse reforço da mortificação da parte carnal de um indivíduo revela que a rejeição não se deu de forma natural, todavia se instituiu a partir da reprodução de tradições que através dos séculos fortaleceram seu desprezo.

Entretanto, havia desde o princípio uma linha de pensamento divergente. Demócrito é o único dos filósofos pré-socráticos não citado por Platão. Há relatos, inclusive, de que Platão organizara fogueiras com as obras de Demócrito. Acontece que a cisão entre estes dois pensadores é radical e de princípio. A resposta que o atomismo oferece para o problema do conhecimento torna o dualismo platônico, ou qualquer dualismo supérfluo. Lembremos, a primeira grande querela entre filósofos fora a de Parmênides e Heráclito. O primeiro defendendo a imobilidade do ser; o segundo, a sua absoluta fluidez. O ponto é que o movimento parece algo impossível, porque reúne o ser e o seu contraditório, o nada: o que nada é vem a ser e o que é deixa de ser. Sendo o movimento uma contradição e esse mundo marcado pelo movimento, como poderia ser possível o conhecimento estável de verdades eternas? Sabemos que a resposta de Platão fora esquartejar o mundo em dois andares, o inteligível e o sensível. O primeiro garantiria a estabilidade das verdades; o segundo, o lugar do movimento. A resposta atomista é mais simples: permanente é o átomo, mas estes estão mudando suas relações formando ora estes complexos, ora outros complexos.

Se o mundo se resolve em átomos, os sentidos do corpo não são distrações. Pelo contrário, toda a verdade me vêm através deles, porque são eles que me informam a configuração atual dos átomos, ou seja, toda a verdade possível.

O impacto não é, contudo, apenas sobre a teoria do conhecimento. Na ética, a dor e o prazer deixam de ser meras paixões do corpo. Elas são informações importantes sobre a situação deste complexo de átomos que é o sujeito. Ele é o seu corpo. Se Epicuro, outro filósofo atomista, compreende que o prazer é o sentido da existência, não é porque ele entenda que homens e animais partilham dos mesmos prazeres da vida. Pelo contrário, prazeres há que só estão disponíveis aos homens.

Quando destaca Marilena Chauí, em sua *Introdução à História da Filosofia*, chama atenção a forma como a tradição distorceu o pensamento atomista. Que se compreenda bem, é coisa usual que os filósofos se leiam de forma enviesada. Cada um partindo de seus próprios pressupostos, de suas inquietações e soluções. A questão é que o pensamento de Demócrito e Epicuro sequer chega a ser lido. A estratégia padrão é a ofensa. Ele viveria em uma espécie de prostíbulo. Sua mãe não teria uma

reputação ilibada. Seria autor de cartas impudicas. Nunca se conteria diante dos prazeres da cama e da mesa. Em suma, muito menos do que uma refutação, apenas argumentos *ad hominem*. De alguma forma os atomistas pegaram os demais filósofos em algum ponto fraco para despertarem contra si tamanha oposição.

Essa linha divergente não acaba nos atomistas antigos, mas prossegue de alguma forma no monismo de Espinosa. Ela se dá no corpo como uma expressão concreta e inseparável da mente. Numa substância única, com o pensamento sendo um atributo para manifestação da mente e a extensão, o atributo pelo qual o corpo se manifesta. No fim, se torna duas faces de uma mesma moeda substancial.

Nietzsche também toma o corpo como o fio condutor de seu pensamento. É a base vital da experiência e do conhecimento humano. Longe da tradição idealista, o conceito da subjetividade carnal ressalta a condição do homem concreto. Destaca, acima disso, a valorização da experiência, do saber singular, da concepção de si.

Havia, por conseguinte, dentro da própria tradição Ocidental quem pensasse o valor do corpo de forma completamente outra. Mas, foi deixado de canto.

O modo como o personagem de Dostoiévski, o príncipe Míchkin revela-se um herói da moral cristã, ou seja, dessa moral que nega a materialidade, constitui um caso exemplar da destinação deste tipo de moralidade. Nele podemos ver como sua genialidade e presença de espírito vão, passo a passo, sendo corrompidos a medida em que ele é bom para todos, exceto para si mesmo. Ele nunca se protege. Isto é, ele nunca protege a existência de seu próprio corpo e de sua mente. Seu final não poderia ser outro senão num sanatório.

CONCLUSÕES

O corpo no Ocidente é tratado desde a Antiguidade Clássica com desdém, ainda que ali houvesse vozes contrárias. A influência do dualismo corpo-alma foi inegavelmente determinante para que sustentasse o corpo como algo negativo, um obstáculo e uma fonte de impureza por tantos séculos. Essa concepção se intensificou e deu no que hoje é uma barreira: superar uma materialidade transitória para alcançar a verdadeira essência do ser humano. Algo profundamente enraizado culturalmente. Mas que pode ser problematizado: de repente, a essência seja aquilo que aparece, porque sua essência seja sua própria manifestação.

A crítica ao corpo como algo que devesse ser submisso à alma pode ser aprofundada por filósofos como Nietzsche, Espinosa e Epicuro. A vida se manifesta, afinal, por meio da corporeidade. É justo que ela seja, portanto, também fonte de experiência e força. Aquelas ilusões ignoram a materialidade como essencial para o prazer e o bem-estar. Ainda que, desde o início, houvesse um caminho possível para uma vida prazerosa e eticamente virtuosa.

Assim, a aceitação da dimensão corporal se revela como chave central para uma vivência mais aberta ao diferente. É uma peça para nos percebermos e nos conectarmos como indivíduos. É, por isso, necessária para compreensão do eu. Para os desejos, limites e necessidades. Para o respeito interior.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Roque pela possibilidade de realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24–34, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>. Acesso em: 15 maio 2025.

CHAUI, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Bernardini et al. São Paulo: Record, 2010.

EPICURO. **Cartas e princípios**. São Paulo: Montecristo Editora, 2019. Edição digital. ISBN 978-1-61965-167-8.

EPICURO. **Sentenças Máximas; e, Máximas principais**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

HIPONA, Agostinho de. **Confissões**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017

HIPONA, Agostinho de. **Diálogo sobre a ordem**. São Paulo: Paulus, 2023.

HIPONA, Agostinho de. **Contra os acadêmicos**. Niterói: Teodoro Editor, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

PLATÃO. **Fédon**. Belém: Ed.ufpa, 2011.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Tradução de Tomás da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUASSUNA, D.; BARROS, J.; AZEVEDO, A.; SAMPAIO, J. A relação corpo-natureza na modernidade. **Sociedade e Estado**, v. 20, n. 1, p. 23–38, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922005000100003>. Acesso em: 16 maio 2025.